

## UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA: agroecologia, resistência e solidariedade no semiárido sergipano



**Agricultores em mutirão, compartilhando saberes e esperança em cada plantio.**

A Unidade de Produção Camponesa (UPC) está localizada no Perímetro de Irrigação Califórnia, em Canindé de São Francisco, Sergipe. Esse perímetro foi formado pelas antigas fazendas Cuiabá e Califórnia, desapropriadas em 1984. O projeto, iniciado em 1985 e concluído em 1987, visa ser um modelo de uso sustentável do solo e da água no Semiárido nordestino, aproveitando de forma racional os recursos hídricos e agrícolas da região.

A área, pertencente ao governo do estado de Sergipe, em 2015, foi cedida ao Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). A cessão da terra representou uma importante conquista para as pautas de luta dos camponeses e camponesas do MPA, visando resgatar e multiplicar as sementes crioulas. Na época, estávamos realizando um levantamento no território do Alto Sertão Sergipano e identificamos que muitas variedades de sementes crioulas haviam se perdido devido ao modelo de produção do agronegócio, que desvaloriza os saberes tradicionais e a agrobiodiversidade camponesa. Diante disso, nós do MPA reivindicamos o uso da terra, que estava ociosa havia mais de 12 anos, para promover a multiplicação das sementes crioulas e fortalecer a soberania alimentar e a preservação da diversidade genética local.



Em 2015, conquistamos a terra, mas seguimos com o desafio de estruturar a área e garantir acesso às políticas públicas. Nos primeiros cinco anos, iniciamos os trabalhos na UPC, focando na busca por investimentos para sistemas de irrigação e na organização de uma brigada de militantes do movimento. Esses militantes se mudaram para o espaço e permaneceram na área, dedicando-se à instalação dos kits de irrigação e aos primeiros processos de cuidado e recuperação do solo, preparando a terra para a produção sustentável e o fortalecimento da agroecologia.

## A recuperação do solo

Nos primeiros plantios, observamos que a terra apresentava deficiência de nutrientes e necessitava de um processo cuidadoso de recuperação. Durante os três primeiros anos, nos dedicamos à produção de matéria orgânica e plantamos culturas como leucena, mucuna-preta, feijão-guandu e feijão-deporco, todas com a capacidade de fixar nitrogênio no solo e melhorar sua fertilidade.

Foi um processo longo e desafiador, que envolveu experimentação, estudos e pesquisas constantes. Ao longo desse período, desenvolvemos diversas práticas agroecológicas para a produção de insumos, incluindo a implementação de minhocários para a obtenção de húmus, além da produção de biofertilizantes e adubos naturais, essenciais para revitalizar o solo e garantir uma base produtiva sustentável para a UPC.

## Sementes: resgate e multiplicação

Fizemos parcerias estratégicas com a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e com as nove casas de sementes do Alto Sertão Sergipano, que integram o projeto Sementes do Semiárido. Nossa casa de sementes é considerada a "casa-mãe" devido ao acesso à irrigação, o que nos permite maior capacidade de produção e armazenamento. Em 2018, a estudante de Engenharia Agrônoma e militante do MPA, Andreza Paiva, realizou um mapeamento e identificou que possuíamos 58 variedades de sementes crioulas, incluindo 16 variedades de milho, 12 de feijão e 10 de fava, além de gergelim branco, preto e girassol de cacho.



Sementes crioulas da "casa-mãe".



Com fé em São José, agricultores plantando milho crioulo no dia 19 de março.



A contaminação por transgênicos afetou a preservação das sementes crioulas de milho. Das 16 variedades cultivadas, apenas três permaneceram livres de contaminação: milho asa branca, milho branco e milho cunha. Algumas sementes adquiridas já apresentavam contaminação parcial. No sexto ano da UPC, foi produzida uma tonelada de milho cunha, mas, por estar contaminado, precisou ser destinada à venda e doação para ração animal.

Diante desse desafio, renovamos os plantios utilizando uma variedade de milho cunha não contaminado, obtido de Didi, um camponês de Salgado, e ampliamos a produção de milho asa branca. Essas variedades são essenciais para a troca com famílias camponesas e para a comercialização, ajudando a manter a agrobiodiversidade na região.

## Horticultura e Sistema Agroflorestal (SAF)

Cultivávamos uma grande variedade de hortaliças, como alface, coentro, cebolinha, beterraba, cenoura, couve, rúcula e cebola. Também incluímos frutíferas, como goiaba e mamão, com mamoeiros intercalados entre as hortaliças. Além disso, plantávamos açafrão para produção de temperos.

Implementamos um Sistema Agroflorestal (SAF) integrado, combinando palma, umbuzeiro, coqueiro e licuri, para fortalecer a biodiversidade e a resiliência da produção. Cultivamos variedades de feijão, como feijão de corda, sempre verde e corujinha, e estamos experimentando o cultivo do feijão-guandu.

Em 2023, fornecemos hortaliças para um parceiro do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), garantindo previsibilidade na produção e vendas, assegurando renda e contribuindo para a segurança alimentar dos estudantes, fortalecendo a conexão entre o campo e a cidade.

## Solidariedade Camponesa

A UPC sempre esteve comprometida com a solidariedade, doando alimentos para famílias vulneráveis no campo e na cidade. Durante a pandemia, participamos do mutirão contra a fome, garantindo acesso a alimentos para populações necessitadas, realizamos doações para as cozinhas solidárias do MPA, para as Pastorais da Criança e o Movimento Quilombola, fortalecendo as redes de apoio comunitário. Nesse período, também organizamos cestas camponesas com alimentos agroecológicos para venda em Canindé de São Francisco, com entrega em domicílio.



**Ações de solidariedade levando alimentos saudáveis produzidos na UPC.**



Em 2024, já entregamos mais de uma tonelada de melancia produzida na unidade, consolidando nossa capacidade produtiva. Atualmente, estamos organizando a área da UPC em grupos produtivos. Cada família camponesa pode utilizar até três tarefas de terra para multiplicar sementes, experimentar novas práticas agroecológicas e produzir alimentos. Esse modelo tem permitido bons resultados, com a produção de uma tonelada de macaxeira ou milho a cada tarefa e meia cultivada, promovendo eficiência e sustentabilidade na produção.



## Investimentos, Crédito, Mecanização

Um dos principais desafios do campesinato é a falta de investimentos suficientes. A agricultura familiar agroecológica enfrenta dificuldade para crescer por falta de recursos e acesso ao Plano Safra, devido à burocracia. O crédito para a produção camponesa é limitado, sendo muito mais fácil obter financiamento para uma produção convencional do que para a agroecológica.

Apesar dessas dificuldades, atualmente temos 20 áreas irrigadas. Esse avanço foi possível graças a parcerias com instituições de pesquisa e ensino, como a Embrapa, o Instituto Federal de Sergipe (IFS), escolas agrícolas e organizações que atuam na região.

Outro desafio crucial é a necessidade de um espaço para o beneficiamento da nossa produção, o que permitiria maior autonomia agregando valor aos produtos. No entanto, todo o trabalho na UPC ainda é manual, por falta de maquinário. Um exemplo é a seleção de uma tonelada de sementes de milho, realizada em peneiras pequenas, o que demanda muito tempo e esforço.

## Mulheres à Frente da Agroecologia

A coordenação da UPC sempre esteve sob a liderança das mulheres, com forte participação da juventude. Embora o campesinato, em termos numéricos, ainda seja majoritariamente masculinizado, é nas mãos das mulheres que a agroecologia e a preservação da agrobiodiversidade floresce. Além disso, as mulheres desempenham um papel essencial na transmissão de saberes tradicionais para as novas gerações, garantindo a continuidade das práticas agroecológicas e a resistência cultural camponesa.